ANO 1.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 10 DE MARÇO DE 1922 N.º 286

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

OS 100.000 contos em que vai ser aumentada a circulação fiduciaria devem ser absorvidos pelo Estado que deles carece, sem demora.

Como ha dias acentuámos, as obras de fomento pouco ou nada aproveitarão com isso. O credito agricola e industrial tambem não colherá qualquer melhoria. O problema do resurgimento nacional é que se achará com ais um acrescimo de dificuldades.

O nosso colega *A Patria* pede que, depois desta inevitavel emissão de notas, não se consinta outro aumento.

Oxalá que assim seja!

Desgraçadamente, porém, não é de esperar tão doce ventura, se a ordem publica não se tornar uma realidade e se as classes não compreenderem que estamos num momento que demanda pesados sacrificios.

* * *

FOMOS nós dos primeiros que defenderam a urgente necessidade de o Estado se aliviar da pesadissima carga que representa para ele o abastecimento de trigos, entregando-o á moagem. A ideia fez carreira, não obstante a oposição que lhe move uma fracção dos moageiros. O projecto do deputado Joaquim Ribeiro é uma prova disso. Cremos que o sr. ministro da Agricultura navega nas mesmas aguas.

Chegou o tempo de tomarmos juizo!

* * *

O *DIARIO DE LISBOA*, para corresponder aos desejos da comissão benemerita que se propõe construir um mausoleu ao vice-almirante Machado Santos, recebe desde já quaisquer donativos que lhe sejam enviados com essa nobre intenção bem expressa.

* * *

NA nossa 3.ª pagina publicamos hoje uma carta inedita de Fialho de Almeida, o escultural trabalhador dos *Ceifeiros*, e que vale só por si espirito na graça do dizer, na riqueza da expressão local. Recomendamo-la até pela simplicidade com que está traçada.

* * *

TEM sido muito visitada a exposição regional que na *Bobone* está realisando o pintor e escultor Antonio Joaquim Fernandes Lima que nos seus trabalhos assina Lima Machado Pereira.

* * *

O CENTRO Antonio Maria Baptista publicou um manifesto ao país em que repudia qualquer solidariedade com os crimes da noite tragica, protestando tambem contra a acusação de serem socios seus os individuos que atacaram os srs. Damião dos Santos e Virgilio Costa.

* * *

ESTA' já publicado o n.º 4 da revista—*Educação Portuguesa*, colaborada por Augusto Lessa, conde d'Aurora, Moreira de Sá, Vasco Valente, Eusebio de Queiroz, Francisco José Sequeira, Eduardo Lopes e Estefania Cabreira.

* * *

RECOMENDAMOS a todas as pessoas que nos enviam os seus escritos que não se esqueçam de indicar a sua morada e de escrever o seu nome.

O problema da ordem

Não tenhamos duvida a este respeito—o principio da autoridade perdeu, entre nós, o alto prestigio de que gosa, no seio de todos os povos civilizados. A vara da justiça converteu-se em varapau de feira.

A lei degradou-se, acanalhou-se, torcendo-se e retorcendo-se para não molestar as cubiças dos poderosos e os impetos destruidores das turbas amotinadas. Chegamos ao extremo de qualquer português desocupado e com algumas manhas poder abalançar-se a promover uma revolução, por sua conta e sem nenhum risco.

Em dada ocasião, corriam, por toda Lisboa, noticias que informavam o publico de que, nas cavernas da selva em que temos vivido, se preparavam, ao mesmo tempo, cinco movimentos, uns para implantarem o regime politico sonhado por alguns parvos descontentes e ambiciosos, outros para obrigarém o poder a transformar-se em boneco de barraca de feira, sempre pronto a mostrar-se submisso perante as pedradas que a rua lhe enviasse.

O medo, a covardia, o terror das responsabilidades presidiram a governos que só sabiam humilhar-se, para que se não dissesse que a liberdade, em Portugal, era menos que uma conquista de gente vil contra a gente nobre.

Nunca se viu uma democracia praticar tão baixamente a abjecção de se entregar, sem um nobre gesto de revolta, a carrascos que só pretendiam mancha-la, para mais facilmente a comprometerem na mascarada dos ideais emporcalhados.

O povo, na sua parda inconsciencia, sem perceber bem que os que se apresentavam como seus amigos não eram mais que profissionais da desordem, deixava-se vencer, já que não convencer, por predicas que o lisonjeavam na sua credulidade, com o fim o culto de o espesinharem.

Quantas e quantas miserias se não somaram e fermentaram para criar a ignominia sangrenta que poluiu a nossa Patria, na noite de 19 de Outubro!

De vez em quando, os que se davam como encarnando a força de mandar clamavam que iam ser energicos, forçando a demagogia a retirar-se das praças, onde tripudiava como feras numa arena, para que Portugal se purificasse de torpezas e vergonhas. A plebe desmoralizada ria-se, por não acreditar em gestos tão arrogantes.

Não fôra ela habituada a fazer da rua o seu *forum?*

Como é que os perturbadores, feitos estadistas, ousariam, á bem ou a mal, reconduzi-la ao cumprimento do dever civico e patriotico? Foi necessario que a noite tragica, com os seus fulgores sinistros, acordasse a consciencia do país, para se ver bem que a anarquia se mudava em crime sem mascara.

Os justos estremeceram. Até os indiferentes córaram na sua palida inercia.

Os governos começaram a perceber que sem ordem e disciplina nós deixavamos de ser um povo livre. A questão é de vida ou de morte. Emquanto todos os portugueses, tanto os mais avançados como os mais conservadores, não aceitarem como de sacrificio a hora que passa, estamos em perigo.

Ao governo actual compete, sem uma hesitação nem um desvio, avançar resolutamente para desafogar Portugal dos que, sem se importarem com as glorias e amarguras de oito seculos, imaginam que a Republica é o paraizo numa jaula!

UMA INTERPRETAÇÃO

A AVÓ — Eu conheço uma menina que é muita vaidosa...
A NETA — Essa palavra quer dizer bonita, minha avó?

NAS ruas e praças de maior concorrencia, quer de dia quer de noite, encontram-se crianças vagabundas que, se a assistencia infantil, entre nós, estivesse devidamente organizada, seriam recolhidas em internatos que cuidariam de resgatá-las da degradação em que se pervertem.

Ás vezes, uma ou outra alma compassiva olha-as com a magoa que inspira a inocencia abandonada, caminhando inconscientemente para a treva.

Um nosso leitor escreve-nos, angustiado, para que levantemos uma campanha em seu favor.

Sem aceitarmos o seu alvitre, dir-lhe-hemos, no emtanto, que empregaremos todos os nossos esforços para que as autoridades e o publico se empenhem a serio num assunto que muito nos interessa.

* * *

O SR. Antonio Maria da Silva, procurado esta tarde por jornalistas que iam ali no intuito de obterem informações precisas ácerca das prisões da madrugada de hoje, recusou-se a recebê-los ou a mandar recebê-los. O sr. presidente do ministerio, que põe um cuidado, que nos parece excessivo, nas suas relações com a imprensa, reserva-se o direito de dar explicações ao parlamento. Tem razão. O que póde suceder é que essas explicações não se entendam.

* * *

O DR. Teofilo Braga hoje, para um jornalista:

—A pena de morte! Mas podem teimar em a discutir... Podem até aprová-la, porque não ha-de haver quem mate. Lembrem-se que quando foi do D. Miguel até tiveram que se importar carrascos de Espanha...

* * *

OPINIÃO de uma senhora portuguesa, ácêrca de M.me Pierat:—«Agrada-me tanto a sua maneira de representar que, se a vida não fosse todo o amor da sua arte, é porque a vida necessitava de algumas emendas feitas por uma mulher superior».

* * *

A CEIA que alguns jornalistas e artistas oferecem hoje, depois do espectaculo, ao actor Lugné-Poë, realiza-se no salão nobre do Restaurant Tavares.

* * *

A «BIBLIOTECA Ideal», que se publica sob a direcção de Henrique Marques Junior, enriqueceu-se com um novo livrinho, graciosissima edição das *Viagens de Gulliver*, adaptadas para leitura infantil.

* * *

CONSTA-NOS que, por emquanto, tudo o que se tem dito acêrca de operações de credito ao Estado, peca por prematuro ou inconsistente.

* * *

OS metalurgicos do Porto, conforme telégrama recebido na secretaria do Interior, declararam-se hoje em gréve.

* * *

O SR. ministro da Alemanha cumprimentou, hoje, o sr. ministro das Finanças.

CARTA DE PARIS

Como Henry Bataille viveu e morreu

O grande Mestre de teatro chorado na capital das suas glorias

PARIS, 3. — Venho de Malmaison, venho do castelo do Vieux Phare, cujo farol era o seu amo e senhor, o grande poeta na prosa e no verso que, num minuto, em plena gloria de artista, quasi na vespera de completar meio seculo de existencia, foge para a Eternidade deixando na terra um nome que vai apanhar, mesmo antes do ano 2000, um espaço enorme no museu da admiração e do respeito mundial: Henry Bataille!

Os leitores do *Diario de Lisboa*, que já conhecem a minha simpatia pelo Mestre, esperam de mim, nesta hora dolorosa para a França artistica e dramatica, algumas palavras sobre a sua obra que, no teatro, marcou a fogo um genio da grandeza e da consistencia de Sardou, talvez ainda maior e mais solido. Sim, era de esperar que eu assinasse quaisquer linhas de homenagem a este homem — um grande francês! — que tanto me distinguiu com a sua estima. Eu sou o unico de Portugal que lhe batia á porta sem audiencia marcada e que lhe entrou melhor em casa. Este orgulho é agora toda a minha magua; perdoai. E perdoai que vos não conte quanto pesa e quanto vale uma actividade de trinta anos de onde saíam paisagens humanas conhecidas por *La marche nuptiale, Maman Colibri, La feme nue*, e mais. Por aí, ha voz que se oiça melhor que a minha. Depois, hoje, não me seria possivel falar do escritor. Contarei sómente o que Lisboa não sabe e Paris ainda não explicou.

* * *

Henry Bataille levanta-se cedo, lê um pouco e escreve bastante—cartas particulares a proposito de *La Chair Humaine*, a sua ultima peça e a mais doente, agredida pela imprensa, brutalmente. Passa em revista as obras no seu castelo, cuja fachada, coberta de andaimes, perde agora a beleza, transmite algumas instruções aos operarios e, depois, almoça menos mal, pouco como sempre, mas melhor que noutros dias. Hoje, não sente dôres e a tarde parece que lhe vai correr bem.

Numa sala de repouso e de conforto, gemea da sala das refeições, está sobre a mesa de fumo um pacote expedido pela *Illustration* e que requere despacho urgente: são as ultimas provas de *La Possession*. O autor vai até lá, senta-se, toma o lapis e começa, emquanto, na sua frente, madame de Bray lê, fingindo de dama de companhia.

O trabalho decorre com actividade e o revisor... de vez em quando solta uma frase, faz um comentario, diz qualquer coisa, alegremente. Um pouco depois das cinco da tarde, Bataille atira com o lapis num gesto brusco, levanta-se como que impelido por uma força estranha, e exclama: *J'etouffe!*

Madame de Bray assusta-se, não muito; já conhece as malditas faltas de ar que o obrigavam, com frequencia, a suspender a scena para um acto, o artigo para um jornal, o desenho para um amigo, um trecho no piano ou no violino. E vai abrir uma janela, a linda janela que se debruça sobre a colina do parque desanimado pelo inverno e que mostra Paris, longe a dez quilometros, a cidade rica de triunfos para o dramaturgo, mas pobre de influencia para lhe inspirar fanatismo ou grande amor. Porque Henry Bataille era o menos parisiense de todos os seus contemporaneos, fugindo da capital para evitar encontros e palestras, como quem foge dum caminho desconhecido para evitar surprezas e obstaculos.

«Donnez-moi le flacon de l'ether»—diz. E corre para o vestibulo, quasi a cambalear, seguido por madame de Bray, que grita com alma: *Yvonne!... Yvonne!*

Mademoiselle Yvonne de Bray, a interprete sublime e a companheira dilecta, acode á chamada de sua mãe ao mesmo tempo que o Mestre, querendo subir ao primeiro andar, se torce, se desequilibra e resvala, não se ferindo no chão de mosaico porque os braços de duas mulheres lhe amparam o corpo evitando assim uma queda desastrosa.

«Ether», diz ainda Bataille, a menos de meia voz, já de olhos cerrados, olhos que não mais se abrem, semi-morto. Foi a sua ultima palavra! Suspira três vezes devagarinho, a mais custo, e... pronto.

A morte? Não, nunca; mãe e filha não pensam nem acreditam em tal. Quem acode? Por triste coincidencia, em casa não ha mais ninguem: os criados estão em serviço, fóra do castelo. Nos momentos tragicos é sempre assim. Um medico? Mas... onde, onde está? a propriedade é enorme e não tem vizinhos a dois passos. Berros sobre gritos e agonias sobre aflições atraem o ponteiro que, informado, corre como doido até ao mosteiro da congregação Cognac. Pouco depois chegam três Irmãsinhas com o seu material de pronto socorro. Uma, quasi medica, aplica uma injecção de cafeina; mas o remedio, na sua consciencia, é uma formalidade, apenas. Tremula e dolorosa, balbucia: *Monsieur Bataille nest plus.*

Eis a reconstituição rapida e fiel da triste e tristissima verdade, quasi tão dificil de escrever como de acreditar, tal como me foi contada, entre pranto e soluços, pela Thyra de *Phaléne*—peça de arrojo e cuja beleza escapou á observação dos criticos.

* * *

E' noite de ensaio geral. A' hora em que Yvonne de Bray devia entrar no palco que foi da Réjane para interpretar quasi pela centessima vez *la Possession*, a critica reune-se no «Nouveautés» para julgar *La Diane au Bain*, de Coolus e Hannequin. E' aqui que os amigos e não amigos conhecem a tragedia.

A noticia cai imprevista e confranje como um raio que se despenha e fulmina. Fala-se na Morte e no morto, toda a noite. Entretanto a peça é burlesca: os interpretes vão fazer rir com vontade de chorar e os criticos têm que se divertir; são os ossos do oficio.

Nos teatros, os autores ou os herois das peças em scena, rodeados por todo o pessoal disponivel, transmitem a má nova pedindo ao publico que se levante, que guarde um minuto de silencio em sinal de sentimento. Marthe Régnier diz: «Peço perdão de representar mal. Tenho o coração a chorar. Mas que quereis? Sou mulher que se prende ao passado. E eu fui a primeira heroina da primeira peça de Henry Bataille».

Na manhã seguinte, ás oito, parto para Malmaison. A rampa de quilometros que me conduz ao refugio do Poeta-Artista, parece-me infinita, um deserto. Não encontro um vivo para lhe dizer «bons dias»; já era um desabafo. E de vez em quando, nas minhas costas, desprende-se uma folha que bate numa haste para me tocar nos nervos deslocados, impacientes, á flôr da pele.

Eis-me no quarto, emfim. Henry Bataille veste de negro e sobre o coração brilha a roseta côr de sangue. Mas o reflexo da placa de Honra é pálido para recordar o prestigio do autor dramatico mais audacioso e sensivel do nosso tempo, que saltou da banca de trabalho já ferido pela punhalada com que o destino lhe designou a morte.

Bataille não veste a casaca verde dos academicos, em cujo peito se estampam, a ouro, os simbolos do genio e da gloria e os seus braços não estão alinhados com as mãos a prender... o espadim e o chapeu de plumas. Sempre detestou a confraria dos imortais, assim como lutou para se defender da presidencia da Sociedade a que pertencia, por dever. Como digo, veste de negro, um fato de passeio sem tons da moda e tem as mãos enlaçadas, em descanso, sobre o seu peito, que já não vibra, que já não ama. A sua fisionomia diz saudade pela vida e parece que protesta contra a ingratidão suprema, por lhe não deixar escrever «tantas coisas que tinha ainda para escrever», como declarou, ainda ha pouco, ao amigo Alfred Bloch. A cara de Bataille está triste. Dir-se-hia que sonha com qualquer scena violenta para uma das peças em andamento.

Está deitado entre as mais lindas flôres do seu jardim, colhidas pelas mãos religiosas de três irmãsinhas da Assunção, regadas pelas lagrimas duns olhos que êle adorava. A' sua cabeceira, as madres vigiam com carinho e rezam com fervor. E Yvonne, desgrenhada e cavernosa, descalça e quasi nua, entra e sai, aproxima-se e foge, doidamente. Depois, vem olhar para Ele, num extasi de ternura, á espera que êle acorde. E, de joelhos, reza em côro com as Filhas do Senhor.

No intimo do castelo não ha cortinas de luto, nem se improvisou um altar; não ha perfumes macabros, nem arde uma tocha. Tudo se mantêm nos seus logares.

SABADO, 4.—Ontem, ao anoitecer, Henry Bataille foi deitado no seu ultimo leito, procedendo-se logo á soldagem. «Era tempo», disse-me há pouco madame de Bray.

Yvonne insistia para que lhe queimassem uma das mãos, ainda descrente da realidade, a confiar num milagre. Pobre Heroina que não parece a mulher de talento e com nobreza de raça que Paris admira e aplaude sem reserva.

A urna está no salão nobre, sem o menor protocolo funebre. Assenta sôbre uma mesa preciosa em relevos metalicos do tempo antigo. Há tapetes e damascos no chão e nas janelas, colchas e coxins nas cadeiras e nos bancos; por aqui e por ali, jarras e curiosidades, telas, pasteis e crayons. Eis o ambiente que envolve o patriarca que prégou com mais eloquencia a religião do amôr. Sim, digo bem. Henry Bataille foi o homem que fez do palco o seu pulpito para proclamar, com um desassombro tão completo como notavel, as suas idéas e as suas crenças, descarnando Paris e até muito da sua vida.

A'manhã vai descer a sua Avenida Talma, longa e estetica, cheia de perfume e de passarada. Não descerá de boina e de *badine* para passear e brincar com as suas heroinas—como êle dizia muito a serio. Descerá, segundo a sua frase, na *petite boite noire, osseuse et maigrelette.*

Carlos Alberto Ferreira

Pão Aliança

(FABRICO MECANICO)

Encontra-se á venda nos seguintes depositos:

N.º 1 — Rua do Amparo, 1 a 7
N.º 2 — Rua da Betesga, 12 e 14
N.º 3 — Rua Eugenio dos Santos, 11 e 13
N.º 4 — Praça das Flôres, 1 e 2

Abertura em breve dos deposito n.os 5 e 6, no Largo do Calhariz, 10 e 11 e na Rua de D. Pedro V, 119 e 121.

Provisoriamente á venda nos seguintes locais; emquanto se não criam depositos especiais: Rua Alexandre Herculano, 54; Rua Almirante Barroso, B. S.; Rua Actor Taborda, 32; Rua Vinte de Abril, 177; Largo da Graça, 133 e 133-A; Rua da Senhora da Gloria, á Graça, 88 a 96 e Rua de Santo Antonio da Sé, 2 a 8.

ESCOLA DE ARTE CINEMATOGRAFICA

Dirigida por RINO LUPO

ENSINO COMPLETO DA ARTE CINEMATOGRAFICA ‡ PREPARAÇÃO DE ARTISTAS FEITAS NO PRASO DE 3 MESES

ABERTURA DO SEGUNDO CURSO A 1 ABRIL DE 1922

FACILIDADE DE CARREIRA ARTISTICA PARA OS ALUNOS DIPLOMADOS POR ESTA ESCOLA

ACEITAM-SE ALUNOS PARA LIÇÕES PARTICULARES

MATRICULA:

TEATRO POLITEAMA, das 12 á 1 e das 5 ás 7 da tarde

"DENTALINA" A bôa higiene da bôca, alvura e conservação dos dentes, só se consegue usando esta marca, por ser superior a todas as pastas. Deposito Geral Rua do Loreto, 55, 1.

TEATRO S. CARLOS

Sociedade do Teatro de S. Carlos, Limitada
Telefone C. 5063

4 concertos sinfonicos pela Orquestra Sinfonica de Madrid da regencia de PEREZ CASAS em 9, 10, 11 e 12 de abril proximo

Está aberta desde hoje, das 13 ás 16 horas, no escritorio da Sociedade, a assinatura para estes 4 concertos, com preferencia para os srs. Societarios e assinantes da ultima epoca de opera até 20 do corrente nos seus logares de camarotes e plateia

PREÇOS POR CONCERTO

Cadeiras	8$00	12$00
Frizas grandes (5 entradas)	55$00	70$00
Frizas pequenas (4 entradas)	50$00	65$00
Camarotes de 1.ª Ordem Grandes (5 entradas)	55$00	70$00
Camarotes de 1.ª Ordem Pequenos (4 entradas)	50$00	65$00
Camarotes de 2.ª Ordem Grandes (5 entradas)	45$00	60$00
Camarotes de 2.ª Ordem Pequenos (4 entradas)	40$00	55$00
Camarotes de 3.ª Ordem Grandes (5 entradas)	40$00	55$00
Camarotes de 3.ª Ordem Pequenos (4 entradas)	30$00	45$00
Torrinhas Grandes (5 entradas)	25$00	40$00
Torrinhas Pequenas (4 entradas)	20$00	30$00
Varandas	—$—	4$00

Nacional

Telef. C. 2049
2.ª recita extraordinaria

HOJE HOJE

Companhia Francesa de Madame Pierat

sob a direcção de **Lugné Poë**

A representação da peça em 3 actos de **Alexandre Dumas** (filho)

LA PRINCESSE GEORGES

Marie Thérèze Pierat
no papel de SÉVERINE

Lugné Poë no de GALENSON

THEATRO SÃO LUIZ

Domingo — 12 de Março

Concerto Vianna da Motta

PRIMEIRA PARTE

1.º — **Variações sobre um tema de Bach** — «Chorar, lamentar, sofrer é o pão quotidiano dos Cristãos»; Coral: «O que Deus faz, é bem feito» — **Liszt.**
2.º — **S. Francisco de Assis pregando aos passaros. Legenda — Liszt.**
3.º — S. Francisco de Paula, caminhando sobre as ondas. Legenda — **Liszt.**

SEGUNDA PARTE

4.º — **Sonata em si menor Op. 58, Chopin** — Allegro maestoso; Scherzo; Largo; Presto ma non tanto.

TERCEIRA PARTE

5.º — Minuetto em lá menor. 6.º — Tambourin — **Rameau-Godowsky** — 1.ª audição.
7.º — **Seguidillas — Albeniz.**
8.º — «Só se vive uma vez» — Valsa — **Strauss-Tausig.** — Piano Bechstein da casa Heliodoro de Oliveira.

HOJE HOJE

4:028 Lx.

GRANDE SUCESSO

— NO —

TEATRO CHIADO TERRASSE

POLITEAMA.

A's 21,30 Telef. N. 3028

Récita do actor SEIXAS PEREIRA

A peça de grande exito e notabilissimo desempenho de Lucilia Simões

ZA'ZA'

4.ª feira, 16 — Festa de Erico Braga

A CASACA ENCARNADA

Termina hoje o praso de preferencia para os srs. assinantes

DOMINGO, 12 — Concerto extraordinario pela **Orquestra Sinfonica de Lisboa,** sob a regencia de Fernandes Fão
Festa do violinista LUÍS BARBOSA

EPISTOLARIO

UM "CHÁ" FORTE

numa pousada alentejana

Carta de Fialho de Almeida a um desconhecido

A carta do grande artista do *A' Esquina* que hoje publicamos não tem comentario; vale por si propria.

Narra, numa familiaridade alentejana, num grande á vontade de expressão, um caso sucedido ao signatario durante uma pequena excursão agricola, episódio demonstrativo da ignorancia em que ainda está o nosso provinciano dalguns dos mais corriqueiros e comesinhos habitos da vida actual. «E' para veres como o Alentejo se civilisa», escreve Fialho ao desconhecido amigo a quem a carta é endereçada.

Querido Amigo

Aqui te vou contar um caso, que é para veres como o Alentejo se civilisa.

Há quatro dias, tornando da feira de Castro, onde me chamára qualquer incumbencia da minha tosca vida lavradeira, adreguei de passar a noite n'um «monte» de herdade — ou como vocês por ahi dizem por Bemfica, n'um casal perdido a meio de plantas de azinho e de piorno.

Pedi agasalho pela noite, e de cear qualquer tasgalho de bacalhau ou sopa d'alho; que eu, graças a Deus, mal-o meu moço, tudo levariamos por bem na casa alheia...

— Sómente, trago aqui um pacote de chá, digo á monteza, que desejo me façam para o por cima da ceia, visto eu assim estar costumado.

Entreguei o pacote, talharam-se os cigarros, e entretive-me com o lavrador á chaminé, caturrando em gados e cearas, té me dizerem as mulheres que estando a ceia na mesa, o melhor era eu ir cear mal-o creado.

Veio o bacalhau e as sopas da ordenança, eu ofereci da borracha ao lavrador — manducamos sopas e bacalhau farte que farte; e vai no fim de tudo, eis pregunto á lavradora pelo chá.

— Ah, não me esqueci, senhor Doutor! Tenha a bondade de vêr se está ao seu fadar (paladar).

E isto dito, apresenta-me num prato, um esparregado negro, que eram as folhas do chá, cosidas e escorridas, sobre que ainda vi ella deitar sua ponta de azeite e de vinagre.

Teu do coração

Fialho d'Almeida

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

AVENIDA

Festa artistica do actor
Antonio Silva

O João Ratão

A'manhã

Phi-Phi

EDEN-Teatro

BREVEMENTE

A SEMANA DOS : 9 DIAS :

de **Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes** — Musica de **Calderon**

Luxuosa montagem BREVEMENTE

TEATRO DE S. CARLOS

Companhia Alves da Cunha

da qual faz parte a actriz BERTA DE BIVAR e a actriz **Angela Pinto**

Sabado, 18 de março de 1922

1.ª representação do drama em 4 actos

A VIDA

original de **Artur Cohen**

A companhia foi reforçada com os seguintes elementos: **Samwel Diniz, Lino Ribeiro e Celeste Leitão**

ELENCO — JOAQUIM PRATA, Antonio Palma, Torres, Armando Cruz, Victor Cruz, Ernesto Alegria, Neves, João Santos, Maria Pinto, Isabel Berardi, Berta de Albuquerque, Maria Emilia e Maria Prata.

Bilhetes á venda na bilheteira

TEATRO SALÃO FOZ

Empresa Artur Emauz

Hoje — definitivamente — duas sessões

A's 20,30 e ás 22,30 — ESTREIA da revista em 2 actos e 12 quadros, original de Lino Ferreira e Aptonio Carneiro, musica original e coordenada de Luís Filgueiras e Hugo Vidal

GIGA-JOGA

desempenhada por toda a
Companhia Otelo de Carvalho

Guarda-roupa de absoluta novidade, do professor de indumentaria do Conservatorio, Castelo Branco — Scenarios novos de Salvador, Mergulhão e Rogerio Machado — Enscenação de Martins dos Santos — Direcção musical de Filgueiras — Bailados dirigidos pela professora do Conservatorio D. Encarnation Fernandez Adereços de Alfredo Alric — Montagem electrica de Rafael Garcia — Maquinismos de Miguel de Almeida

TEATRO APOLO

A'manhã — Sabado

Reaparição da
COMPANHIA RUAS

1.ª representação da fantasia revista de Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, musica de Alves Coelho e Ascensão Barbosa

BELO SEXO

apresentada com o maior brilhantismo e aparato

Direcção scenica de Pedro Cabral — Direcção musical de Bernardo Ferreira — Enscenação de Jaime Silva — Scenarios de Salvador, Mergulhão, Renda, Serra & Amancio, Rebelo Junior e José de Almeida

Guarda-roupa do «costumier» Jaime Valverde

LE COMMERCE INTERNATIONAL D'IMPORTATION ET EXPORTATION, L.de

17, Largo da Biblioteca

Tel. C. 832 LISBOA

CONSERVAS, VINHOS, NOVIDADES PARA SENHORAS

REPRESENTANTES FM

Anvers
Praga
Genova
Salonica
Pyreu
Smyrne
Alexandria
Beyrouth
Burgas
Constantinopla
Helsingfort
Dantzig
Bordeus
Berlim

COLISEU DOS RECREIOS

A'manhã SABADO *A'manhã*

A's 21 horas (9 da noite)

Estreia da Nova e Grande Companhia de Circo e Variedades

Ultimas Novidades Mundiais **HOJE--abre a bilheteira--HOJE**

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Lisboa

Portugal dos velhos tempos
Vai morrendo cada dia...
Sumiu-se a paz no passado,
Segue o presente agitado
De heroismo • covardia.

A covardia, na sombra,
Irma, ás vezes de repente,
O braço... nem sei de quem!
E heroismo, vejam bem,
Temos nós, tem toda a gente.

Heroismo, com certeza,
Que afinal ninguem recua,
Nem se guarda, nem se esquiva..
Somos herois... na passiva,
Pois basta saír á rua!

Ha gréve? andamos a pé,
De camion, a cavalo,
De automovel, de carroça,
Gente velha ou gente moça,
Já nada lhe dá abalo.

Deitam bombas? paciencia:
Lisboa alegre e cercada,
Mas sem ar de fortaleza,
Sem alarme, sem fraqueza
Diz-nos sempre: Não é nada!

Maria de Carvalho

Um crime misterioso

Aparece morto em sua casa o capitão reformado Luís Vaquinhas

Esta manhã apareceu morto na sua casa no bairro Lamosa, na rua Particular, B. F., ao Alto de S. João, o sr. Luís Vaquinhas, capitão reformado do Ultramar, achando-se deitado na cama completamente nú. O caso foi participado para o governo civil, correndo logo o boato de que o sr. Vaquinhas tinha sido vitima de um atentado.

Tal boato não tem fundamento porque a policia averiguou tratar-se dum assassinio, cujo mobil foi o roubo. O agente Antunes que se encontra no local do crime, passou uma rigorosa busca á casa, nada encontrando de suspeito. Ao que parece, os gatunos aproveitaram a ocasião em que o sr. Luís Vaquinhas se encontrava sosinho em casa para perpetrarem o seu barbaro intento. O morto apresenta varios ferimentos de tiro de pistola. O falecido era irmão do importante proprietario de automoveis sr. Vaquinhas.

Os acontecimentos da noite passada

A policia efectua numerosas prisões, sendo os detidos enviados para o forte de Caxias

Durante a madrugada de hoje a policia procedeu a uma rigorosa rusga, que foi dirigida pelos comissarios de divisão tenentes Graça e Pio, alferes José Carlos e Lopes Soares.

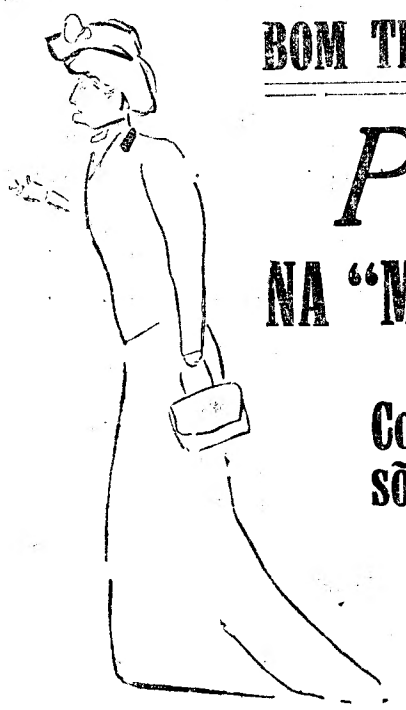
Foram presos numerosos individuos conhecidos como agitadores e cadastrados e alguns sidonistas.

A maioria dos presos já seguiu para o forte de Caxias, encontrando-se outros no governo civil e em varias esquadras.

CAMBIOS

DIA 10

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	57$000	60$000
Londres, cheque	4 11|16	4 9|16
» 90 d. v.	4 13|10	—
Rio Londres	7 3|4	—
Paris	1$053	1$082
Paris	$599	$615
Italia	$999	1$027
Bélgica	2$305	2$349
Suiça	1$839	1$890
Espanha	$045	$050
Berlim	4$442	4$564
Holanda	11$869	12$197
Nova-York	1	3
Austria	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1$000	1$100



Marie Thésèse, na caricatura de Rouveyre

BOM TEATRO

PIERAT NA "MARCHA NUPCIAL"

Comentarios e impressões do nosso redactor

O papel cristão e suavissimo de Grace da Plassans em certa peça do Bataille, a que ele chamou *La Marche Nuptiale* e é apenas la «marche à la mort» teve ontem no teatro Nacional, por parte de Marie Thérèse Pierat, uma loura de olhos eternos para a nossa retina — uma interpretação prodigiosa.

A critica severa, vestida de autoridade dos anos e de barbas, num gabinete onde houvesse tomos que nunca ninguem leu e diplomas dos conservatorios, diria que Pierat «expressou bem; que foi gradualmente subindo no estertor pacifico dos sentimentos até chegar ao desespero, que detalhou com classica serenidade equilibrada, segundo as regras, todas as roupagens lancinantes de Dor, amassada de orgulho e de sacrificio». Emfim: que foi «conscientemente exacta».

Tudo isto é certo, mas é muito pouco.

Marie Thérèse Pierat foi na peça de ontem uma interprete cuja critica não póde ser feita por frases. E como as emoções não se traduzem se não por uma prosa especialissima e intima que tanto póde ser um grito como um soluço, e como o jornalismo não se compadece com esta fidelidade de transmissão que na surpreza do leitor póde parecer justamente ridiculo ou caricatura — resulta que eu não posso dizer-lhes bem o que foi para mim a interpretação culminante e assombrosa daquela actriz intangivel, primeira figura de uma companhia improvisada, que Augusto Pina — orgulhosamente, num impeto que toda a gente olha apenas como um *coup* financeiro de teatro mas constitue um grande titulo de honra — trouxe ao teatro Nacional de Lisboa.

A Marcha Nupcial já Lisboa a viu representar e bem. Está descrita; está criticada. É uma peça na qual uma mulher que adora a bondade, primeira expressão da beleza, sucumbe ante um amor de inspiração do sangue, que é o ultimo reduto da virtude. Mas havia um Deus, no espirito mistico da heroina, e esse Deus, que por seu filho o romantico nazareno, perdoava culpas de amor, deixou a pobresinha emaranhar-se nas teias da duvida e atirou-a para a Morte. Ha na peça um sentimentalismo morbido, um encantamento ritmico, uma linha de orgulho feminino que se arrasta imponente, pela miseria, como um vestido de cauda roçagante.

É neste ambiente que Grace de Plassans, feita Marie Thérèse Pierat, toma conta das almas dos espectadores.

Em Pierat não houve ontem nem explosões, nem arrebatamentos, nem impetos. O teatro do gesto e da violencia foi substituido pelo teatro da atitude e da expressão. Mas a atitude não me surpreendeu. Ha cortezãs que têm atitudes heroicas. Ha mulheres virtuosas, como motivos de romance de familia, que vestem atitudes de princesa. Na sala ontem mesmo houve Mulheres cujas atitudes devem ter ritmo. Mas a expressão — essa é que foi Unica. Não é possivel conceber outra cabeça assim repousando na almofada do sacrificio, em voto á castidade orgulhosa da alma, já ferida de Amor sagrado. Os olhos de Pierat, em duas scenas do segundo e do quarto acto, dançando, morrendo, caindo, ressuscitando, amando dentro do quadro pequeno da sua cabeça de ouro, como dois interpretes vivos, não se apagarão jámais, dos olhos das pessoas, como eu, e algumas mais que ontem foram ver Pierat sem ter ido ver a *Marche Nuptiale*. Porque tivemos a certa altura a impressão de que muito bom espirito justo que ontem estava no Nacional, teria, por equivoco apenas, julgado que o que se estava a ver era Bataille quando o que se estava admirando era só a comediante Pierat. E esta foi prodigiosa, inegualavel, creadora, como uma mãe fecunda de expressões dolorosas, emocinante até á extranheza imprevista do que é possivel conceber na vida palpitante da divina Ficção.

A mascara não usa um *truc*, a atitude não veste um exagero, os nervos não sobem um exgotamento deslocado, a lagrima não cai senão como a lagrima cai na Mulher que chora para ninguem vêr. Perfeita. Scenas das mais intensas, das mais cruéis, das mais humanas —no apartamento no terceiro acto, na suplica de Claudio no ultimo, na revelação de Lechetellier no segundo—foram feitas só com os olhos, apenas com os olhos, aqueles olhos que por momentos dominavam todos os corações entregues á efabulação da peça, tão virginalmente como os das crianças, nos contos que tem fadas.

Não são uns olhos belos. Ou melhor: a beleza dos seus olhos não é a beleza convencional dos vulgares olhos lindos. E' uma beleza subjectiva, artistica, radiante, feita mais de luz que de côr, de adivinhação do que de encontro.

A representação de Madame Pierat, ontem, não deixou assombrada a plateia. Marie Thérèse nem sempre conseguiu suster pela sua Vontade a vontade insciente de um publico nervoso, incompleto, arisco, sabendo francês, mas não sabendo ouvir teatro. A culpa não foi da Actriz. A indisciplina social e politica que anda na vida portuguesa, como uma *patine* que nos faz parecer barbaros sem o sermos, reflecte-se nos sentimentos das creaturas mais distintas e no poder extatico da nossa atenção, de uma maneira tão impressionante que o distraimento se fez uma caracteristica até nos espectaculos de Beleza.

A peça de ontem empregou tambem varios actores e actrizes, um pano de bôca que não caía sempre a tempo, um piano do Club Simões Carneiro, e outras frioleiras que a gente cita agora para acabarmos esta impressão com um sorriso. Seria, porêm, injustiça não citar, do actor Allain-Dhurtal, (Claudio), a sua scena ultima, e de Camille Bert (Lachetellier) a do terceiro acto, scenas que foram, sem favor, muito bem feitas. Lugné-Poë representou uma rabula. E fê-la com esmero.

N. de A.

Ontem na sala havia menos verde, quasi nada verde. As *toilettes* apareceram todas em meios tons. Certas mulheres lindas que foram acusadas na vespera de mau gosto, vestiam adoravelmente. Algumas, não podendo vestir melhor, decotaram-se mais. A pele, é bem certo, é a melhor seda que uma mulher veste.

* * *

No galinheiro muito boa gente. Dava uma reportagem — disseram-nos. Mas era mais dificil lá entrar do que nos camarotes. O galinheiro tem uma face comum, uma janela comum, uma inteligencia comum. As opiniões do galinheiro são por isso mais pesadas. Votação de chapa.

—Que tal? preguntamos ao nosso amigo Dr. M. P...

—Nós aqui pensamos que bastava cá ter mandado a Pierat.

A actriz Lucilia Simões votou contra. Abalou do galinheiro ao cabo do segundo acto: «Não posso mais...»

* * *

Nas cadeiras o busto gentil, que tantos vêem com saudade, da sr.ª D. Julieta Simões,

(Vide continuação na 8.ª pagina)

Os Teatros

A "premiére" da revista "Giga-Joga" no Salão Foz

Leitor: esta noite, no elegante teatrinho da calçada da Gloria, sobe á scena uma nova revista, senhora de qualidades que hão-de impôr-se ao entusiasmo do publico. São seus autores Antonio Carneiro, já consagrado pelo publico como poeta de rato valor, e Lino Ferreira, homem de teatro com o nome ligado a felizes trabalhos do genero. Luis Filgueiras e Hugo Vidal, dois maestros de valia, escreveram e adaptaram para a «Giga-Joga» numeros de musica encantadores. Castelo Branco esmerou-se no guarda-roupa. Soube ser perdulario em luxo e perdulario em arte. Mergulhão e Salvador pintaram scenarios que são pequeninas maravilhas.

Os diferentes papeis da peça foram distribuidos inteligentemente aos artistas da companhia Otelo de Carvalho. Antonio Gomes (da Trindade) encarregou-se do «compère».

Leitor: vai esta noite ao Salão Foz.

Atrás do reposteiro

A companhia francesa leva hoje á scena no Nacional, em segunda recita de assinatura ordinaria, a peça em três actos, de Dumas, filho, «Princesse Georges», interpretando Madame Piérat o papel de «Severine» e Lugné Poë o de «Galanson». Os outros papeis estão assim distribuidos: «La Terremonde», Camille Bert; «Prince de Birac», Allain Dhurtal; «Cervières», Léonce Corne; «Victor», Camille Corney; «Le Baron», Creme; «Le Fondette», Georges Raoul; «Valet de chambre», Tenac; «Silvianie», Melle. Koresky; «Baronne de Périgny». Bianchini; «Valentine de Baudrément», Jane Chevral; «Berthe», Luciene Givry; «Rosalie», Jane Marsay; «La baronne», Germaine Delbo.

—Foi contratado para o Eden-Teatro o actor Jorge Roldão, que vai desempenhar na nova revista «Buena dicha» algumas rabulas escritas expressamente para o seu feitio artistico.

—O sr. Ayres Pereira da Costa está concluindo uma revista, «Uh! Papão!», que se destina ao teatro Gil Vicente. O compadre chama-se «Papo-seco». A revista tem os seguintes quadros: 1.º, «De Rapuss a Papo-seco»; 2.º, «Pelo Boqueirão»; 3.º, «Sua ex.ª o ministro?»; 4.º, (apoteose); 5.º, «Harmonia e pancadaria»; 6.º, «Aqui jaz...»; 7.º, «Nem só de pão vive o homem»; 8.º, (apoteose).

—A companhia Cremilda-Chaby, que está funcionando no teatro Sá da Bandeira, do Porto, levou á scena anteontem, em «reprise», a comedia «Maluquinha de Arroios» original de André Brun. O «Primeiro de Janeiro» refere se assim á interpretação:

«Do desempenho, que deixou bastante a desejar, o primeiro logar cabe a Chaby Pinheiro que valorisou superiormente o papel comico de que se encarregou, pois representou sem exagero e com muita naturalidade, fazendo rir a bom rir os espectadores; Jesuina de Chaby e Cremilda de Oliveira não comprometeram os seus comprovados creditos de artistas; Leonilde Pereira tirou partido de uma rabula feliz a que a apreciada artista imprimiu bastante relevo, e Elvira Velez e Luzitana Saial houveram-se com discreção.

Nos finais de acto o publico aplaudiu os principais interpretes.

—A companhia Satanela-Amarante já não vai em «tournée» ao Porto.

—Os condes de Arge ofereceram ontem um almoço a madame Pierát, a que assistiram, entre outras pessoas, as senhoras duquesa de Palmela, D. Sofia de Melo Breyner, D. Genoveva Ulrich e o sr. D. Tomás de Melo Breyner.

—Auzenda de Oliveira será a «estrela» da companhia de revista que explorará o teatro S. Luís na época de verão.

—A companhia Aura Abranches, de que fazem parte Adelina Abranches, Alexandre de Azevedo e Grijó, virá do Brasil a tempo de fazer a proxima temporada de inverno no Sá da Bandeira, do Porto.

—O teatro que vai ser construido no Parque Mayer, para a Feira de Verão, será explorado com uma revista de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectaculo.
Nacional — A's 21 — Companhia Francesa «La Princesse Georges».
S. Luís — A's 21 — «Amor de mascara».
Politeama — A's 21,30 — «Zázá».
Avenida — A's 21-15 — «João Ratão».
Apolo — A's 21,15 — Não ha espectaculo.
Chiado Terrasse — A's 21 — «4.028 Lx.ª».
Eden-Teatro — Não ha espectaculo.
Salão Foz — «Giga-Joga».
Coliseu dos Recreios — Não ha espectaculo.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «Pim Pam Pum».
Teatro dos Anjos — A's 20,30 — Companhia de variedades.

A marinha de guerra

A comissão encarregada da sua reorganização reune ámanhã

Volta ámanhã a reunir a comissão encarregada de elaborar um projecto de reorganização dos serviços da marinha de guerra, para conclusão dos seus trabalhos.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

OS NOSSOS CANTORES

O tenor Lomelino

ESTE ARTISTA PORTUGUÊS ALCANÇOU EM MILÃO UM GRANDE EXITO

no papel de Rodolfo da "Bohème"

Chega-nos de Milão a noticia de haver alcançado um belo exito, no teatro Dal Verme, o tenor português Lomelino Silva, que em 1919 cantou pela primeira vez em Lisboa, numa recita de caridade.

Lomelino Silva, que é natural da ilha da Madeira, viveu durante muitos anos em Lisboa, sendo chamado ás fileiras quando Portugal declarou a guerra á Alemanha. Frequen-

Lomelino Silva

tou a escola de oficiais milicianos e foi promovido a alferes de artilharia, tendo tomado parte na defeza da ilha da Madeira, por ocasião do ataque dos submarinos alemães.

Quando terminou a guerra, Lomelino Silva, discipulo do professor Sarti, resolveu-se definitivamente a abraçar a carreira lirica. Fez as suas malas e partiu para Milão. A sua grande força de vontade conseguiu vencer todos os obstaculos que se atravessaram no seu caminho.

Dois anos depois conseguiu um contracto para o teatro Dal Verme, tendo-se estreado em dezembro do ano passado no *Rigoletto*. Os jornais de Milão referiram-se com palavras de elogio á estreia do tenor português, que dois meses depois alcançou um belo triunfo no papel de «Rodolfo», da *Bohème*.

O *Secolo*, de Milão, referiu-se á estreia do nosso compatriota nestes termos,

«Cantou pela primeira vez o tenor Lomelino Silva, que na parte de «Rodolfo» está melhor que no «Rigoletto» para o caracter da sua voz e para o seu temperamento. Teve especiais aplausos no «raconto» do 1.º acto.»

O *Sol* diz «que se apresentou o tenor Lomelino Silva, que ha tempo já se fez notar favoravelmente no «Rigoletto». Lomelino Silva mostrou uma bela voz, nitidos agudos, excelente metodo e sabe dar eficaz realce dramatico ao personagem, Foi muitas vezes calorosamente aplaudido.»

O *Diario de Lisboa* regista com satisfação oexito do nosso compatriota.

Infante D. Afonso

A sr.ª duquesa do Porto agradece ao Parlamento a sua representação no funeral de seu marido

Esteve hoje no Congresso a sr.ª duquesa do Porto, a fim de agradecer as homenagens prestadas a seu falecido esposo. o infante D. Afonso de Bragança, quando do seu funeral.

A sr.ª D. Maria Pia foi recebida, no Senado, pelo presidente, sr. dr. Pereira Osorio, e, na Camara dos Deputados, pelo presidente, sr. dr. Domingos Pereira.

A GREVE DOS ELECTRICOS

AS TROPAS DO CERCO A LISBOA ENTRARAM ONTEM NA CIDADE

apenas para coadjuvar a G. N. R. na manutenção da ordem publica, tendo-se retirado esta manhã

E' entrevistado pelo "Diario de Lisboa" o chefe do estado maior da guarda republicana sr. Maia Magalhães

Neste gabinete em que tu, leitor, entraste pela nossa mão, já falámos, não te recordas? com o sr. Cortez dos Santos, a quando do primeiro cêrco a Lisboa. Foi na entrevista curiosa que deu brado e que por um triz esteve para ter consequencias desagradaveis para o sr. Cortez dos Santos. No gabinete estão ainda os quatro telefones do Estado; o busto da Republica; a secretaria e as tapeçarias são as mesmas; só o chefe do estado maior da G. N. R. é outro, é o sr. Maia Magalhães.

—O que se passou ontem? Certo movimento de tropas, algumas prisões, etc., etc.

O sr. Maia Magalhães, muito atencioso:

—**Tomaram-se medidas militares...**

—Auxiliadas pelas tropas que estão á roda de Lisboa...

Podiamos dizer *cêrco*; empregar a frase cansada: *estamos cercados*; no entanto, não seria demasiado forte, para uma autoridade militar? Diplomacia em todo o caso.

—As fôrças da G. N. R. andam dispersas num extenuante serviço de vigilancia... O trabalho é enorme, as linhas dos electricos são extensissimas...

—Quantas praças estão empregadas nesse serviço?

—Bastantes... Ao certo, não lhe posso dizer. Só se quere que eu vá buscar os mapas...

—Muito obrigado! Não se incomode v. ex.ª.

Logo o sr. Maia Magalhães:

—Não quere dizer que êste serviço impeça a guarda de manter a ordem em Lisboa.

Dando curso ao boato:

—Ontem á noite as tropas do cêrco a Lisboa entraram na cidade... Ha intuitos?

—Absolutamente nenhuns. Cooperaram com a guarda; vieram provar que todos os boatos que correm não têm fundamento.

—Mas porque vieram colaborar...?

—A guarda não chegava... Todas as medidas de ordem publica são determinadas em conjunto pela 1.ª divisão, ministerio do Interior, comando da guarda: policia e Direcção Geral de Transportes do Estado. Ultimamente, a vigilancia intensificou-se...

—Para evitar mais atentados...

—Isso... Há dois dias foi alvejado a tiro um electrico em Bemfica ou Lumiar... não me recorda bem o sitio...

—Nem eu...

—Ora ontem, pelo telefone, pediram-me se eu mandava algumas companhias da guarda para os suburbios da cidade. Não o pude fazer. Com meu conhecimento, alguns contingentes das tropas que estão á roda de Lisboa vieram guarnecer as linhas dos electricos de Bemfica, Lumiar e Dafundo...

—Retiraram-se já?

—Sim, esta manhã. Tudo isto prova que não passam dum boato as desinteligencias entre a guarda e o exercito. Cooperam na manutenção da ordem publica...

Fizemos:

—E as prisões?

—Não sei! Isso é com a policia...

—Mas a guarda...

—... Quando é requisitada, ajuda a policia nesse serviço...

O sr. Maia Magalhães atende um telefone. A conversa toma outro rumo, que te interessa, leitor; portanto, lê até ao fim. Conselho de amigo.

—A guarda obedece. Não estou aqui para outra coisa. Acatamos qualquer governo que esteja legalmente constituido... Não é outra a nossa missão... Por não se ter compreendido isto ha mais tempo é que houve certas coisas...

Uma frase fóra do seu logar, do logar da entrevista que foi dita pelo entrevistado. Talvez um esquecimento.

—Pedem tantos serviços á guarda que eu não sei como ha-de fazer-se a sua redução...

—Mas o decreto ha de desagradar...

—Sim, aqueles que forem dispensados do serviço... Estamos aqui para obedecer... Deixaria de ser chefe do estado maior se não se pensasse assim...

—Resumindo: as tropas coadjuvaram ontem a guarda republicana...

—Sim senhor!

—Desocuparam esta manhã Lumiar, Bemfica, Dafundo, etc., etc...

—Exacto!

—Isto só veiu provar o desejo que a guarda tem de manter a ordem, como sempre, ajudada pelo exercito.

—Deve frizar isso.

E nada mais, a não ser um cumprimento.

Uma festa promovida pela Sociedade de Educação de S. João do Estoril

A Sociedade de Educação de S. João do Estoril promove ámanhã, sabado, um esplendido espectaculo no teatro do grande salão dos Banhos da Poça.

Tomam parte obsequiosamente, além dos distintos amadores do Grupo Dramatico da Parede, a orquestra dos Cegos do Instituto Branco Rodrigues.

O espectaculo principiará ás 21 horas. Os bilhetes estão á venda na bilheteira.

Uma portaria sobre os professores que tinham licença para estudos

O «Diario do Governo» de segunda feira deve publicar uma portaria, considerando sem efeito as matriculas dos professores primarios efectivos nos cursos de habilitação para o magisterio primario superior e mandando-os regressar imediatamente á regencia das suas escolas. Mantêm-se apenas as matriculas dos professores que frequentam o 2.º ano das universidades e do curso de aperfeiçoamento das escolas primarias superiores.

ASSUNTOS NO AR

A pena de morte

UMA CARTA EM QUE SE DEFENDE A APLICAÇÃO DE TAL MEDIDA

A opinião do "Diario de Lisboa"

O nosso director recebeu a carta que segue, quasi toda ela em referencia ás opiniões contrarias á pena de morte, expressas há dias aqui por um nosso camarada de redacção.

A carta publica-se por que em nós é manifesto o espirito de tolerancia. Somos todos nesta casa contrarios á reedição da pena ultima, que nos parece um ultimo recurso de alguns politicos para tentarem uma pacificação de costumes, o que eles pelas suas faculdades de orientação nacional não se mostram muito capazes de conseguir.

Se o projecto chegar, sequer, a ser admitido no Parlamento—e o país exige do governo esforços para medidas mais praticas, oportunas e levantadas—se chegar a ser admitido, o *Diario de Lisboa* dirá, modesto, mas ponderadamente, de sua justiça.

1.º—Os avançados são contrarios á pena de morte, mas... matam!

2.º—*«Pois não foram, ou não quizeram ser, os crimes do 19 de Outubro—uma pena de morte?»*

Que extraordinario raciocinio! A pena de morte, sr. Norberto de Araujo, a pena de morte, que se discute, é a que a Lei reconhece, é a aplicada á sombra da Justiça Legal. Se os crimes do 19 de Outubro foram uma pena de morte—onde estavam os tribunais, quem eram os juizes, os jurados, qual era a Lei?

3.º—Os crimes politicos são outra especie de crimes? Se os crimes politicos são crimes praticados *«á sombra das catequeses politicas, feitas por homens politicos profissionais reunidos em massas, sem ordem nem relêvo, e por isso mesmo acobertados com a irresponsabilidade»*, porque razão se tira, a essa especie de criminosos, a preciosa liberdade? Porque razão os metem na cadeia, como a qualquer criminoso comum? Se a cadeia é para comuns e politicos, porque não ha-de ser a pena capital para politicos e comuns?

4.º—Se o criminoso politico é irresponsavel, essa irresponsabilidade tambem se estende ao criminoso comum. Na generalidade, o criminoso comum é filho de gente baixa, teve uma educação infeliz, rasteira, lamacenta, a sua convivencia foi a das tabernas (estabelecimentos permitidos pelo Estado), a de todos os antros do vicio. E quantas vezes, não se é um desgraçado por culpa da Lei da hereditariedade?!

5.º—As paixões violentas tambem geram crimes. Se um individuo por ciume mata a sua amante, a Lei castiga o criminoso!

E o motivo dêsse crime foi o Amor!

O amôr á politica, ao Ideal, tambem se transforma muitas vezes numa paixão violenta, gerando crimes. Porque razão, a Lei não há-de castigar estes *ciumentos* politicos?

6.º—Se um alcoolico pratica um crime, sob a influencia do alcool, êsse criminoso deve ser castigado? Deve, porque o Vicio e o Crime têm que ser punidos, quando mais não seja para que outros individuos, ao cheirarem o alcool, se lembrem que devem ser comedidos.

No caso politico, se um individuo se deixa *embriagar* pela politica, deve ou não ser castigado? Deve, porque o Vicio e o Crime têm que ser punidos, quando mais não seja, para que outros não saiam fora da justa razão.

O criminoso politico, com mais razão deve ser castigado, porque apregôa sempre uma *superior educação* (Avançados!).

7.º—Já ha *um caso* em que a Lei *reconhece o direito de matar!* É o da Legitima Defesa.

Qualquer pessoa ameaçada na sua vida pode matar! A justiça não o culpa, desde que prove, que o fez com razão.

8.º—Se um individuo tem o direito de matar, para defender a sua existencia ameaçada—porque razão, a Sociedade não ha-de matar todo aquele que *provadamente* ameaça a boa saude social?

9.º—A vida de qualquer assassino não pode ser mais preciosa que a das vitimas.

A vida do Buiça valeria mais que a de D. Carlos? a dos outros assassinos mais que as de Sidonio, Granjo, M. Santos?

10.º—*Vamos ou não ter forca e carrasco?* Ninguem falou em forca, ou em guilhotina, ou em garrote, ou em cadeira electrica, ou em fusilamento.

Fala-se da pena de morte. O processo de matar será estudado devidamente.

11.º—Li a *historia de uma scena pavorosa, passada há 80 anos:* Não me comoveu. Olho sempre para as vitimas e não para os criminosos. Quere o ilustre articulista que eu lhe conte tambem uma historia, tão real como essa? Mete bombas, gente inocente com as pernas estilhaçadas, etc.

12.º—Um acto criminoso tem que ser punido, *tenha a origem que tiver.*

A pena de morte é, na escala das penas, a maior. Que se aplique aos maiores crimes.

13.º—Eu defendo a pena de morte, por ser um terrivel exemplo.

Lembremo-nos de que há muita gente que não rouba ou mata porque não tem sentimentos para isso, mas outra tanta, não o faz, porque tem medo—e só por isto o não faz!—de ir para a cadeia; quanto mais ficar sem cabeça!

Arlindo Nevoa

Um incendio destroe um palheiro

Prejuizos calculados em 2:500 escudos

CARRAZEDA DE ANCIÃES, 10

Um pavoroso incendio destruiu completamente um palheiro, pertencente a Alice Carvalho, professora oficial. Os prejuizos são avaliados em 2.500 escudos. O vento favoravel. contribuiu para que o fogo não comunicasse a três palheiros contiguos.

PREFERIR O CHÃO SEM FENDAS

"CORTICITE"

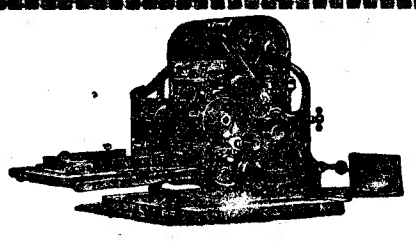
(PROPRIO PARA ESTABELECIMENTOS, SALÕES, QUARTOS, CASAS DE BANHO, COZINHAS, TERRAÇOS, ETC.)

É ALIAR O BOM GOSTO Á ECONOMIA E Á HIGIENE

ORÇAMENTOS GRATIS ENVIAR PEDIDOS AOS UNICOS FABRICANTES

ESTABELECIMENTOS HEROLD, L.DA

Telefone C.-2720 LISBOA R. dos Douradores, 7-1.º, 2.º e 3.º



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner

70 cópias por minuto

pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —

Rua da Conceição, 125, 4.º

LISBOA Telefone C. 320 LISBOA

Empresa Técnica Industrial, L.da

TEL. C. 854 292, RUA AUREA, 292 TEL. C. 854

REPRESENTANTES DA FÁBRICA

— LANZ —

LOCOMÓVEIS E SEMI-FIXAS INDUSTRIAIS

EM ARMAZEM E A CHEGAR Á ALFANDEGA

GRANDE QUANTIDADE DESTAS MÁQUINAS

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

GRANDE HOTEL PORTUGAL

SISTEMA AMERICANO

12, RUA DO AMPARO 12

LISBOA

Falam-se linguas

Servico de Restaurant

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA Rua do Ouro, 18, 24

PORTO Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

CARVÃO VEGETAL-COKE E BRIQUETES

TELEFONE C. 4119
VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS
FRANCISCO LEITÃO & C.ª Fº
RUA DA COSTA 8, LISBOA

DINHEIRO

Empresta-se sobre ouro, prata e brilhantes e sobre todos os objectos que ofereçam garantia.

Empresta-se sobre louças antigas e compram-se todas as qualidades das mesmas.

ANTONIO PEDRO DA SILVA

R. DAS GAVEAS, 6, 1.º

TEL. L096

ELECTRICIDADE PORTATIL

Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.

EFEITO SURPREENDENTE!

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO

R. Augusta, 72, 74

LISBOA

AGENCIA GERAL DE ANGOLA

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.º 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.º 237, 1.º ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:— Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

CONSEQUENCIA DA GUERRAS

Os estudantes alemães estão passando enormes privações

As associações medicas publicaram um manifesto pedindo o auxilio da America para as crianças e para os estudantes

BERLIM, 10

As associações dos medicos alemães, representando 40:000 membros, lançaram uma proclamação em que se manifesta aos «quakers» o seu agradecimento por terem enviado socorros ás crianças alemãs e solicitando da amizade da America que continue a auxiliar as crianças e estudantes alemães para que eles sejam suficientemente alimentados.

As sociedades alemãs estão-se agora esforçando por melhorar as condições dos estudantes das Universidades, muitos dos quais passam muitas semanas sem comer carne, e vão para as aulas sem almoçar. Grande numero de estudantes de direito, letras e medicina não conseguem fornecer a soma de trabalho necessario aos seus estudos devido á falta de alimentação. O aspecto actual dos alunos das Universidades é lamentavel, trazendo os casacos remendados, botas rotas e mostrando-se palidos e emagrecidos por falta de alimento.—(U. P.)

As greves na Africa do Sul

PRETORIA, 10

Ontem houve serios tumultos no Rand, tendo os grevistas atacado os mineiros que não tinham querido tomar parte na greve geral. Os indigenas foram tambem atacados.—(R.)

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais $15 para registo

Telefone: 1:020 — CENTRAL

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51 — LISBOA

RAUL LELO PORTELA

ADVOGADO

Rua Nova do Almada, 18, 2.º

Telefone, C. 2995

LISBOA

Ludovice, Limitada

Comissões e Consignações

Agentes de vendas para a provincia dos productos da Academia Scientifica de Belesa

R. da Madalena, 36, 2.º — Tel. C. 3379

Secção Fiscal

Pagamento de contribuições — Reclamações sobre todas as contribuições directas do Estado e das Camaras Municipais, incluindo as sobre avaliações de predios, sobre gremios industriais, cessação de industrias, etc., e respectivos recursos em todos os tribunais—Certidões em todas as repartições publicas — Recursos e mais actos sobre transgressões dos regulamentos fiscais, etc., etc.

NA COROAÇÃO DO NOVO PONTIFICE

A familia de Pio XI

Quem são os "Ratti" e como eles se apresentaram na Basilica de S. Pedro

Os jornalistas que foram a Roma assistir á coroação do novo Papa quedaram-se por lá algum tempo mais, enviando cronicas sobre tantos assuntos quantos pode oferecer a cidade eterna.

De entre essas cronicas, ha uma que nenhum se tem esquecido de enviar: a que diz respeito á familia Ratti, a familia do novo Papa, que foi acompanha-lo no dia de maior gloria da sua vida e compartilhar dela.

São curiosas as cronicas que descrevem os Ratti; a familia do novo Papa é diferente das modestas irmãs de Pio X, ou da aristocratica linhagem de Bento XV: é uma familia numerosa, burguesa, que gosa de um certo bem estar e consideração em Milão, onde vive.

O logar onde seconstata mais caracteristicamente o tipo deste familia, e o seu manifesto contentamento por se ver repentinamente elevada á categoria de familia reinante, é na grande sala de jantar do hotel Quirinal.

No meio da turba cosmopolita que vem chegando ao *hall*, na qual se destacam as inglesas com um livro, uma maquina fotografica, um ramo de flores na mão, e os provincianos, reconhece-se a familia do papa, composta de nove pessoas, tal é o numero certo de talheres da sua mesa reservada.

E' um grupo animadissimo com gente de todas as idades, desde o irmão e a irmã do Papa, até aos sobrinhos, a burguezinha formosa chamada Luisa Rati, e o sobrinho, um engenheiro que apresenta de vez em quando o aspecto pensativo de quem recorda o papel historico de tantos sobrinhos de papas que foram principes.

Houve sobrinhos celebres naquele famosissimo tempo da Renascença: os Medices e os Borgias, os Corsini e os Braschi... E ainda encontrava atestando a acção poderosa desses sobrinhos, no palacio Barbeirini e na vila Borglèse...

Mas para ele, evidentemente está reservado o caminho normal que a si mesmo traçou: será engenheiro, sobrinho do Papa, e nada mais...

Estes dois sobrinhos, Luísa e o irmão, são a mocidade do grupo e os que mais notam a sua acção, as suas palavras, o seu riso, sobretudo o de Luísa, no qual se desvanecem complacentemente os pais e a tia, apagam toda a acção dos outros irmãos, que ficam fazendo fundo áquele quadro curioso que não perde nada do seu caracter burguês.

O grupo dos Ratti é objecto da curiosidade de quantos entram no hotel, são o alvo permanente de todos os olhares, parece que as mesinhas se voltaram todas para ele e que os comensais nem olham para o prato para não desviarem o olhar daquele quadro. Eles não parecem muito incomodados com esta impertinente atenção de que são alvo; pelo contrario, mostram-se satisfeitos e o riso de Luísa Ratti, loura, tipo de frequentadora de *tennis* e de animatografo, ainda tine mais alto.

Aquela bonhomia e satisfação, que se lhe reflecte permanente no rosto, o seu ar de familia provinciana contente é de quem se governa bem, tornam-se acessiveis ás velhotas religiosas e aos amadores de altas relações.

Em torno dela formam-se grupos de curiosos que se aventuram até falarem á familia do Papa, sem poderem dominar o desejo ardente que têm de comunicar com eles.

Alguns falam-lhes com a unção religiosa que lhes merecem aqueles que diariamente estão em contacto com o vigario de Cristo, e dentro de si mesmo agradecem profundamente a Deus aquele meio visivel de comunicar com ele, ainda que indirectamente; guardarão até a hora da morte a recordação da graça especial de terem tocado na familia do Papa, graça mais alta talvez do que a de uma peregrinação aos logares milagrosos da cristandade, pois foi obra do acaso...

Mas a maior parte dêsses curiosos sorriem—que o aspecto dos Ratti, córados e saudaveis, chama o sorriso—e o sentimento que eles lhes merecem traduzi-lo-hão perfeitamente ao encontrarem os antigos conhecimentos:

—Os Ratti? Conhecemo-los perfeitamente. A Mimi até trata por tu a Maria Luisa...

Coliseu dos Recreios

A estreia de ámanhã—Nova Companhia de Circo e Variedades

Uma nova companhia de circo e variedades faz ámanhã a sua estreia no Coliseu dos Recreios. Sabe-se quanto o nosso publico aprecia os espectaculos deste genero, sempre tão variados e divertidos, espectaculos a que tantas vezes não falta uma nota de arte, arrojo e distinção.

Trazer até nós companhias deste genero numa época particularmente tão dificil para todas as empresas é mais que um arrojo, uma temeridade, mas o publico assim o tem sabido compreender e com rara boa vontade corresponde sempre aos que sabem, como a empresa do Coliseu, lisongear-lhe o bom gosto, não recuando para isso ante nenhum sacrificio.

E' sobremodo atraente e digna de ser vista a explendida companhia que ámanhã se vai estrear, e traz até nós autenticas celebridades completamente desconhecidas, constituindo um programa em que figuram originalissimos numeros capazes de satisfazerem os mais exigentes paladares.

Entre eles citaremos, por exemplo, as deslumbrantes fantasias luminosas de Miss Pia, uma artista coreografica unica no seu genero. O «Furacão dos arcos» é outro soberbo trabalho, em que se exibirão os excentricos «jongleurs» Cliffard And Grey, recentemente muito aplaudidos no Circo Parish de Madrid. Os «Irmãos Mijares», equilibristas em arame, são os unicos artistas que conseguem sobre o arame dar o perigoso salto mortal, com eles rivalizando em arrojo de trabalho os gladiadores Berreta nos seus jogos olimpicos.

Ha tambem um numero musical interessantissimo, «O Jardim da Harmonia», pelos excentricos Elliot Savona, que deve produzir enorme sensação por ser inteiramente diverso de tudo quanto nesse genero nos tem sido dado ver.

Como se vê, a companhia é o mais variada possivel, não lhe faltando um ventriloquo famoso, Val-Rey, com a sua colecção de bonecos falantes, e um fenomeno scientifico, o professor Rognisky, que vai causar assombro e surpreza com o seu incomparavel trabalho.

Os bilhetes para os primeiro espectaculos do Coliseu estão sendo procurados com vivo interesse, sendo a noite de sabado no elegante circo o ponto de reunião obrigatorio da da nossa primeira sociedade.

O tratamento da anemia, fraqueza geral e convalescenças de doenças graves só é radical com o emprego da

TUBERCULOSE

ANGIOLYMPHA, do DR. ROUS

como afirmam os inumeros atestados medicos que possuimos

Representantes para Portugal e colonias:

MARIO PINTO, LIMITADA

LISBOA —— 96, RUA DA PRATA, 2.º

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

NO MUNDO SPORTIVO

Jack Dempsey e Wills vão disputar o titulo de campião

O proprietario do "Club de Base-Ball" da Liga Americana de Washington oferece a Jack Dempsey 350.000 "dollars"

NEW-YORK, 10

Jack Dempsey, campeão de «box» do mundo, resolveu entrar em combate com Harry Wills, campeão preto do «box». A disputa do titulo de campeão do mundo terá logar este verão, tendo o sr. Harry Frazes, proprietario do «Club de Baseball» da Liga Americana de Washington oferecido uma bolsa de tresentos e cincoenta mil dolares a Dempsey para que este se encontrasse com Wills.—(U. P).

100.000 dolares para jogar o «baseball»

NEW-YORK, 10

Abe Ruth, o mais celebre jogador profissional de «baseball» assinou um contracto por três anos com o «team» dos «New-York Yankees» com o salario de setenta e cinco a cem mil dolares por ano, ou seja mais do que recebe o presidente dos Estados Unidos.—(R).

DOS ESTADOS UNIDOS

115.000 homens vai ser o efectivo do exercito americano

WASHINGTON, 10.

O presidente da comissão da guerra na Camara dos representantes disse que em breve seria apresentado o projecto sobre o exercito no qual se pedia que o seu efectivo fosse fixado em cento e quinze mil homens. Na opinião do general Pershing esta força é insuficiente para as necessidades internas e para nada serve no caso de conflito externo. — (R.)

A policia no Atlantico

WASHINGTON, 10.

Já está concluido o acordo entre o ministerio da Marinha e o ministerio das Finanças para se empregar varios submarinos da esquadra na vigia da costa do Atlantico, para evitar o contrabando dos liquidos alcoolicos.—(U. P.)

— Será preciso gritar-lhe ao ouvido que o UROL é o maior dissolvente do ácido úrico?

Cura: o REUMATISMO, ARTRITISMO, GOTA, OBESIDADE, etc.

FARMÁCIA FORMOSINHO:

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

NO NACIONAL

A "MARCHA NUPCIAL" e a interpretação de Madame Pierat

(Continuação da 4.ª pagina)

no lado do seu marido, que é um dos mais distintos e sobrios politicos do nosso país. Não sei porquê, quando vemos uma ex-actriz, que teve o seu publico, lembra-nos sempre de Nena Teruel, a que deixou o teatro para casar, e representava em casa sósinha, lavada em lagrimas, quando o marido não estava. Mas há uma variante: contra-scenar com um bébé.

* * *

D. Ester Leão, D. Angela Pinto, D. Ilda Stichini estavam na platea. A primeira sorria, a segunda ria, a ultima olhava, olhava muito, a ver *como é*. Ansiedade.

* * *

D. Veva de Lima, a certa altura, no intervalo, atravessou o corredor, perseguida por uma onda de casacas e de monoculos. Tinha ar, tinha consigo o perfume de não deixar perfume. Até me pareceu que tinha distinção. Os homens que iam na sua corrente—êsses não tinham nenhuma.

* * *

Encontramos curvado sobre si mesmo, nariz e melancolia inconfundiveis, fita da Legião de Honra na lapela e uma casaca como uma que eu tenho em casa e já não visto, por ser demasiado magra—o Augusto Pina.

—Que tal?—perguntei.

—Parece-me que a Pierat tem habilidade.

* * *

Os ministros que têm dado *rendez-vous* no Nacional devem ir para S. Bento muito dramaticos. Estamos a ver, na discussão da pena de morte, o sr. Ernesto Navarro:

—Mais non! Mais non! (Lenço aos olhos). Mais non! Je souffre...

* * *

Ultima nota: Madame Pierat custa 2.500 francos por noite. Uma sua *toilette* de ontem não custará menos. Na sugestão, um espectaculo todo de sofrimento—para alguns maridos.

O alto comissario em Angola

requisita 4 navios dos Transportes Maritimos

O alto comissarão em Angola insiste pela ida de 4 navios dos Transportes Maritimos, a fim de organizar a marinha mercante preventiva da colonia.

O que se passa?

Prisões importantes e apreensão de bombas

O chefe do governo conferencia com o governador civil

A' ultima hora dão-nos do governo civil a informação que publicamos sob reservas que estão presos seiscentos individuos conhecidos como agitadores em virtude da greve dos electriços. Dizem-nos tambem que foram apreendidas numerosas bombas.

O sr. Antonio Maria da Silva teve esta tarde uma importante conferencia com o sr. governador civil, dr. Reis Junior, chefe da policia de investigação e major Carrão de Oliveira.

Cinema Condes

Um "film" de Charlot

Charlot nas corridas, o engraçadissimo *film* ontem estreado constitui um autentico exito de gargalhada. E' uma esplendida comedia que em boa hora veiu enriquecer os programas do Condes onde ámanhã se realiza uma esplendida estreia de arte. No programa de hoje figurám tambem *Fatty apaixonado, Os funerais de D. Afonso, A Soberana do Mundo* e *O Impedido*, extraído de um conto de Maupassant.

Lei do inquilinato e todos outros assuntos de advocacia com economia e rapidez.

Drs. A. Oliveira e J. Cupertino

- RUA GARRETT, 80, 2.º -

A TARDE PARLAMENTAR

O Estado e a Igreja

Replica do sr. Lino Neto ao sr. Almeida Ribeiro e treplica do sr. Almeida Ribeiro ao sr. Lino Neto

O caso Virgilio Costa e as explicações do sr. Presidente do Ministerio

A's 15 e 15 aparece por entre o reposteiro vermelho da tribuna diplomatica a mancha elegante da sr.ª duquesa do Porto, que vem acompanhada pelo sr. dr. Domingos Pereira. A sr.ª D. Maria Pia de Bragança lança um rapido olhar pela sala, demora-se algum tempo a conversar com o presidente da Camara e retira-se pouco depois—na altura em que o sr. Ornelas da Silva lê a acta.

* * *

O sr. Lino Neto volta a falar sobre o projecto de lei que ontem apresentou, em resposta ás considerações do sr. Almeida Ribeiro. Diz que os bens da igreja de proveniencia particular devem ser entregues ao clero. Referindo-se a uma passagem do discurso do sr. Almeida Ribeiro, afirma:

—Os catolicos em Portugal não querem uma situação de tolerancia, querem os mesmos direitos dos outros cidadãos. A minoria católica põe a Igreja acima de regimens e de partidos. E' assim que os grandes países progridem e avançam.

* * *

O sr. Lino Neto:

—As associações de culto católico que não reconhecem a jerarquia eclesiastica, são um disparate juridico. Não ha culto católico sem padres, sem prelados e sem Papa.

* * *

Durante o discurso do sr. Lino Neto, o sr. Sá Pereira invoca o regimento. As direitas desejam que o *leader* catolico continue no uso da palavra. O sr. Lino Neto termina assim o seu discurso:

—Não descansarei um momento emquanto em Portugal as liberdades religiosas não estiverem completamente realizadas. Tenho a esperança de que será breve.

O sr. Sá Pereira:—Não apoiado! Nunca lá chegaremos!

* * *

A's 15 e 45 começa a falar o sr. Almeida Ribeiro. Concorda com o *leader* catolico, na parte em que este se referiu á necessidade de fazer uma larga politica de conciliação. Quanto ao resto, contesta as afirmações do sr. Lino Neto sobre a entrega dos bens ás igrejas e aos prelados.

Uma passagem do sr. Almeida Ribeiro:

—Se a Igreja quere entrar numa vida de paz e de colaboração com o Estado, ponha de parte a politica.

Refutando uma afirmação do sr. Almeida Ribeiro, o *leader* catolico afirma:

—A Igreja não se opõe aos acordos com os Estados. Nesse ponto v. ex.ª desconhece a doutrina da Igreja.

* * *

A's 16 e 15 entra na sala o sr. presidente do ministerio. A camara faz cêrco em volta do sr. Almeida Ribeiro, emquanto o chefe do governo, numa bela disposição de espirito, conversa demoradamente com os srs. Vitorino Guimarães e José Domingues dos Santos. Assunto da conferencia: um extenso documento dactilografado que o sr. José Domingues dos Santos está lendo com muita atenção.

***

A's 16 e 40, o sr. Almeida Ribeiro fala, fala, fala sempre. A campainha da presidencia chama á ordem os deputados que o interrompem.

***

O sr. Vergilio Costa extranha que o sr. ministro do Interior tenha pretendido confundir o procedimento do orador com o da pessoa que ultimamente o agrediu, lendo á Camara um relatorio policial que classifica de mentiroso. Considera a atitude do sr. ministro do Interior como atentatoria da sua dignidade e da sua qualidade de membro do poder legislativo.

* * *

O sr. presidente do ministerio dá explicações ao sr. Virgilio Costa, dizendo que entregou o caso ao poder judicial, porque é êle, e não o executivo ou o legislativo, quem de direito deve julgar estes casos. E' um assunto para ser tratado fora do Parlamento.

O sr. Virgilio Costa:—Perdão, sr. presidente, eu relatei o caso á Camara como um sintoma do que se está passando.

O sr. presidente do ministerio:—Valha-me Santo Antonio, que, de mais a mais, é o meu patrono!

O chefe do governo dá ainda outras explicações, que não satisfazem o sr. Virgilio Costa—segundo parece..

* * *

O sr. Agatão Lança intervem no debate, dizendo que o chefe do governo deve ter já na sua mão a prova de que são absolutamente falsas as afirmações que se fazem num manifesto, distribuido por um grupo civil, contra o orador.

O sr. presidente do ministerio:—Recebi agora mesmo o papel. Ainda não o tinha lido.

* * *

A's 17 e 10 passa-se á ordem do dia, sendo lido na mesa o projecto que se refere ao caminho de ferro de Portel a Viana do Alemtejo. O sr. Jorge Nunes dá-lhe o seu apoio em nome do Partido Liberal, não concordando com a doutrina do artigo 1.º em que se diz que a administração dos Caminhos de Ferro do Estado é autorizada a construir essa linha, para a qual a camara de Portel dará 400 contos.

Era assim em 1914. Hoje, 400 contos não chegam para construir a linha ferrea. Neste sentido, envia para a mesa uma emenda ao projecto.

NO SENADO

Preside o sr. Pereira Osorio (democratico) secretariado pelos srs. Ramos Pereira (democratico) e Fernandes de Almeida (liberal).

O sr. Vasco Marques protesta contra a forma como foram feitas as eleições na Madeira.

Sobre a organização do exercito falam os srs. Joaquim Crisostomo, ministro da justiça, Ramos de Miranda e ministro da guerra.

O sr. Querubim Guimarães levanta o seu mais veemente protesto contra a série de atentados que têm sido ultimamente praticados e que constituem uma vergonha para a nossa terra. Parece que a justiça—conclue—fechou as portas do seu templo para assim não poder proceder contra os autores de tão criminosos actos (Apoiados).

Depois de varios ápartes, a sessão prossegue.

Manipuladores de pão

O quilo de pão vai custar 80 centavos?

Reuniram esta manhã, na séde do seu sindicato, numa das dependencias da C. G. T., sob a presidencia do sr. Domingos Pereira, os manipuladores de pão.

Um dos membros da comissão de melhoramentos comunicou á assembleia que o sr. Alfredo de Barros, director da Companhia Industrial Aliança, só atenderia as reclamações da classe se o governo autorizasse que o actual tipo de pão fosse aumentado para $80.

A. U. S. O.

A U. S. O. reune hoje, ás 21 horas.

NA INDIA

O chefe Ghandi foi hoje preso

LONDRES, 10.

O governo resolveu proceder hoje á prisão de Ghandi, chefe dos revolucionarios da India.

UM DESMENTIDO

A EXPOSIÇÃO DO RIO

"Não será adiada" diz Carlos Sampaio

Alguns jornais fizeram-se eco de que a Exposição do Rio de Janeiro seria prorogada por algum tempo.

E' preciso avaliarmos da confusão que uma noticia desta natureza pode lançar no espirito dos expositores e do prejuizo que para o bom andamento dos trabalhos pode resultar de tão infundado boato.

Achamos por isso conveniente transcrever a nota, que o sr. Carlos Sampaio, prefeito do Rio de Janeiro, tem a seu cargo os serviços da Exposição, fez inserir em todos os jornais do Brasil:

«Para terminar de vez com uma exploração anti-patriotica em relação á comemoração do Centenario, declaro que:

1.ª A Exposição será feita na epoca propria e no local escolhido, desde o começo, isto é, na area da Avenida Wilson, onde serão situados os pavilhões das diversas nações e onde já «se acha em construção» o palacio da Inglaterra; na área do cais do porto, onde serão localizados os pavilhões das grandes industrias, e, na area da Quinta da Boa Vista, anexa á escola Wenceslau Brás, onde será realizada a Exposição de Pecuaria e para onde dará acesso a nova Avenida Maracanã.

2.º—O prefeito jamais pensou em arrazar o morro do Castelo e crear uma nova cidade no curto praso de pouco mais de um ano.

Seria um desses absurdos que só quem desconhece completamente as obras desta ordem poderia julgar possivel.

O que se projectou e ha de ser executado foi preparar a cidade de uma maneira condigna para as festas do centenario e anexar á area da exposição uma area ganha ao mar para jardins, pavilhões esparsos e recinto papa diversões, area essa que será protegida tanto quanto possivel com obras em andamento para que uma resaca, como a do ano passado, não venha surpreender as muralhas em construção, antes de conveniente amparadas e reforçadas.

Pelo que fica transcrito podem todos os interessados ver que impreterivelmente a exposição do Rio de Janeiro será inaugurada em setembro de 1922 devendo por isso todos os concorrentes portugueses enviar ao comissariado geral em Lisboa até fins de maio os seus produtos prontos a seguir para o Brasil.

A greve da Carris

A Companhia conta já com pessoal suficiente para normalizar o serviço

Só na proxima segunda feira serão restabelecidas as carreiras da Graça e Poço do Bispo.

Para evitar que qualquer condutor ou guarda-freio seja vitima de algum mal intencionado a Direcção Geral de Transportes, deu ordem aos militares para que nas plataformas dos carros só seja permitido transitar senhoras e militares.

Segundo informações que reputamos fidedignas a Companhia Carris de Ferro, que já tem pessoal civil suficiente para sair com os carros e normalizar a situação, só o fará depois do Parlamento lhe conceder a importancia da sobre-taxa, criada pelo decreto do sr. Cunha Leal.

Foi hoje afixada uma ordem, em Santo Amaro, determinando que os guarda-freios façam sempre as paragens obrigadas e travem os carros nas descidas, tornando responsaveis os revisores pelo não cumprimento desta deliberação.

O Sindicato Metalurgico, na rua da Esperança, onde estava instalada a Associação do Pessoal da Carris continua selado e lacrado.

Na Avenida Almirante Reis foi lançada hoje de manhã uma bomba contra um electrico. Produziu-se grande panico entre os passageiros, ficando gravemente ferido o sr. João Henrique Roseira, que se atirou á rua por uma das janelas do carro. Recolheu ao hospital, ficando em observação.

"INCOMODINE"

GRANDE especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normaliza rapidamente a menstruação. Caixa 6$00, correio mais 200 réis. Farmacia J. Nobre, Rossio, 109, Lisboa.—A' venda no Porto, no Largo de S. Domingos, 42.